AREAL SOUTO

A INDEPENDENCIA

DRAMA EM TREZ ACTOS

Escripto especialmente para commemorar a
passagem do 1.º Centenario
da Independencia do Brasil e representado pela
primeira vez em Senna Madureira (Acre),
no dia 7 de Setembro de 1922
pelo Grupo Dramatico "Arthur Azevedo"

AREAL SOUTO

A Independencia

DRAMA EM TREZ ACTOS

Escripto especialmente para commemorar a passagem do 1.º Centenario da Independencia do Brasil e representado pela primeira vez em Senna Madureira (Acre), no dia 7 de Setembro de 1922 pelo Grupo Dramatico "Arthur Azevedo".

Armazens PALAIS ROYAL
Manáos – 1924

Ao Ex.mo Snr.

Dr. José Thomaz da Cunha Vasconcellos

actual Governador do Territorio

OFFERECE O AUTOR

PARA USO DAS ESCOLAS

PERSONAGENS

D. PEDRO I – Principe Regente.
D.ª MARIA LEOPOLDINA – Princeza.
JOSÉ BONIFACIO – Primeiro Ministro.
JOSÉ CLEMENTE – Presidente do Senado da Camara.
PADRE BELCHIOR DE OLIVEIRA – Mentor, confidente do Principe.
GONÇALVES LEDO – Propagandista.
FREI SAMPAIO – „
DRUMOND – „
PAULO BREGARO – Emissario correio.
MAJOR CORDEIRO – „ „
CANTO E MELLO – Ajudante de ordens do Principe.

DAMAS DO PAÇO, GUARDA DE HONRA, COMITIVA, CREADOS, POVO.

A INDEPENDENCIA

DRAMA EM TREZ ACTOS

I ACTO

(Epocha 1822. A scena representa uma sala do Palacio de S. Christovam no Rio de Janeiro).

SCENA I

PRINCEZA *(só)*

E muita gente existe, oh ingenua simpleza
Que imagina ventura o ser uma princeza!
Sem noção do que seja um intimo risonho
Julga que para mim tudo é grandeza e sonho.
Entretanto, aqui está o carcere que habito,
Onde calco meu odio, onde abafo meu grito,
Vendo-te a soluçar, oh! terra de Cabral!
Humilhada nas mãos do rei de Portugal.

SCENA II

A mesma e um creado

CREADO *(entrando)*

Princeza!

PRINCEZA

Sim! Já sei...: — E' José Bonifacio.
Precisamente a esta hora, eu lh'o disse: — em Palacio
— Sempre leal, sempre nobre esse velho, em consciencia
Ha de ser, para nós, o rei da Independencia.

SCENA III

A mesma e José Bonifacio

JOSÉ BONIFACIO *(entrando)*

Ouvi, Princeza, ouvi, um bonito pretexto
Para assim me julgar maior que D. João VI.

PRINCEZA

Talvez o digas bem; emquanto o rei rutundo
Possuir o Brasil, é quasi o rei do mundo.

JOSÉ BONIFACIO *(observando jovial)*

Veja, Princeza, o rei de quem falla—é seu sôgro!

PRINCEZA

Nas familias reaes o parentesco é um lôgro.
Se sobre nós existe o féro predominio
Da Côrte; como dar ao laço consanguineo
Affecto que não vi nascer de meus affectos,
Amor que hei de espalhar sobre filhos e nétos?!
Matrimonios reaes são trocas de brazões
Corações de Princeza: ah! pobres corações! . . .

JOSÉ BONIFACIO *(surpreso)*

Por quem devo estranhar tão desusado estylo?!
De certo não lhe assiste o espirito tranquillo,
Vibra no seu dizer uma certa vehemencia...

. . . .

(depois dessa pausa)

Permitta-me pedir-lhe o fim da conferencia.

PRINCEZA *(com uns papeis na mão)*

A Côrte portugueza envolve-nos no apôdo,
O rei julga-se ali senhor do mundo todo.
Ao Principe Regente impõe-se-lhe o regresso
E a ti, por menos dura, a prisão, o processo.
Aqui tens Instrucções das Côrtes luzitanas
Vê, covardes que são! Vê, como são tirannas!
E' opprobio de mais. Brasil Colonial!
E' preciso esmagar a alma nacional.

JOSÉ BONIFACIO *(examinando os papeis)*

Princeza, este Decreto é um acervo de injurias
Ditaram-no, de certo, as razões mais espurias.
Esquece D. João VI os destinos de Marte,
Quando um dia fechou-lhe o Reino, Bonaparte.
Esquece que se a Iberia ainda guarda esse taco
De terra portugueza, oh! deve-se em Bussaco
Ao povo unicamente.

PRINCEZA

O povo, sim, eu sei...
Quando expulso Junot já não havia rei.

JOSÉ BONIFACIO

... Emfim ... nas coisas ha um divino segredo
Devemos a D. João a fortuna do medo
Elle se lá ficasse, o que éra? um pobre diabo,
Um joguete, um baldão nas mãos do grande Cabo.
A grandeza do rei não está em dirigir
Mas em honra do povo está em não fugir.

Foi covarde, fugiu; foi fraco, convenhamos;
Mas dessa fuga alfim, nós unicos lucramos.
Não fosse Napoleão, quem é que de Lisbôa
Vinha fundar um reino entre gentes á tôa?
Seriamos ainda hoje, a estupida colonia
Muito peior, talvez, que o Congo ou a Caledonia.

PRINCEZA

Ha mais Snr. Ministro — essa Côrte inclemente
Ameaça desherdar o Principe Regente.
Talvez nada lhe custe — um Decreto! um papel!
E o Reino passará ás mãos de D. Miguel.
Estupido refem! Perder um throno escravo
Quando outro povo aqui existe altivo e bravo
De quem pode ser Pedro o seu rei defensor! . . .

JOSÉ BONIFACIO

De quem pode ser mais — um grande Imperador.

PRINCEZA

— A Tropa Auxiliadora é vigilante e alerta!
— Precisamos tomar uma attitude certa.
O Principe está ausente — é bom que se lhe chame
Sem dizer-lhe o que existe ao seu governo e exame?

JOSÉ BONIFACIO

Emfim . . . todo esse caso um só gesto o dirime
O grilhão que nos prende é fraco como o vime
Porque não rebentar a estupida cadeia?
Porque não pode ser rochedo um grão de areia?

PRINCEZA

Tens a certeza emfim que se Pedro o quizer . . .

JOSÉ BONIFACIO

Fará livre o Brasil onde agóra estiver.

PRINCEZA

Chegamos justamente ao ponto que interessa
Será livre o Brasil? Escreve-lhe depressa. .

JOSÉ BONIFACIO *(observando)*

O Principe mandou protestos a D. João . . .

PRINCEZA

Isso não vale nada, accenda-lhe o vulcão.
Quem o conhece mais? Pedro é cavalheiroso
Por um gesto bonito, um feito valoroso
Sacrifica-se a tudo. Impressiona-lhe ao vivo.
E verás quanto vale um principe impulsivo.

JOSÉ BONIFACIO *(comsigo)*

Inflamma-se o rastilho. Eu vejo á semelhança
Joanna D'Arc a compor a defeza da França.

(escreve)

PRINCEZA (*comsigo*)

Portugal dá-me a ver nesses golpes a esmo
Um throno que afinal devora-se a si mesmo
Não sabe porventura essa Côrte tão parva
Que o casulo se rompe ao desprender-se a larva?

JOSÉ BONIFACIO (*levantando-se com a carta*)

Aqui está dito tudo--é o dilema fatal
Ou fica no Brasil ou volta a Portugal.
De um lado todo ardor da Patria virgem, nova
E do outro a maldição a se lhe abrir em cóva
Ou o throno servil dessa Côrte traiçoeira
Ou a gloria do rei na terra brasileira!...

PRINCEZA

E' tão potente a phrase, o dilema é tão forte
Que leio dentro delle ou a vida ou a morte.

JOSÉ BONIFACIO

Suggestiva, talvez, não sei se direi bem,
Princeza, não vae mal uma linha tambem.

PRINCEZA (*escrevendo*)

Pedro, repara bem no futuro sinistro
Segue os conselhos só do teu velho Ministro...

JOSÉ BONIFACIO

Nada mais, nada mais – a luta é decisiva
A defesa se impõe como força instinctiva.

PRINCEZA (*dirigindo-se a José Bonifacio*)

Que falta á Independencia?

JOSÉ BONIFACIO

Um rei de espada em punho...

PRINCEZA

Sim, porque pela lei já vem de 3 de Junho.
Não te recorda aqui Joquim Gonçalves Ledo?

JOSÉ BONIFACIO (*irritado*)

Princeza, para a causa o maximo segredo...
. . . .
Vou mandar a S. Paulo emissarios de urgencia
Para o ataque efficaz é mister a violencia.

(*sáe*)

SCENA IV

PRINCEZA (*só*)

O «velho» não gostou; fallei no grande vulto
De Ledo, para quem o Brasil é um culto
Ao ponto de indicar com sublime insolencia
Inimigo da Patria ir contra a Independencia.
O «velho» não gostou—tem seu ponto de vista
E' contra o demagogo o senso de estadista
Entretanto, eu bem sei, ambos querem a gloria
Do rei que ha de fincar este marco na historia.

SCENA V

A mesma, Cordeiro e Bregaro

CORDEIRO E BREGARO (*entrando*)

Aqui vimos pedir ordens a Vossa Alteza

PRINCEZA

Penso que para que já o sabem de certeza.

CORDEIRO

Princeza, em quanto baste a minha lealdade
Hoje, se vos apraz, deixarei a cidade.

BREGARO

Pela Patria, Princeza, e para vos servir
Não ha tempo a perder, estou prompto a partir.

PRINCEZA

Temos a resolver um caso muito serio . . .

CORDEIRO

Já soubemos de tudo ali no Ministerio.

BREGARO

Não ha nem póde haver acção mais crúa e vil
Do que esta de querer sujeitar o Brasil,
Impondo-lhe não sei que fatal retrocesso
Que é contra as leis da vida e as bases do progresso.

CORDEIRO (*ironico*)

Até parece mesmo um acto excepcional
Devolver o Brasil á forma Colonial.

BREGARO (*ironico*)

Ao rei de Portugal não vae tamanha audacia.

PRINCEZA

A Côrte o substitue em bravura e philaucia
Para isso dispõe de galeões e bombardas

CORDEIRO (*orgulhoso*)

Que não attingirão a honra destas fardas.

PRINCEZA

Bem vejo que a razão anima os vossos peitos,
Apraz-me ver assim partirem satisfeitos . . .

CORDEIRO

Com a esperança a sorrir como um genio feliz . . .

BREGARO

E a consciencia de estar servindo ao mez Paiz.

(*sáem*)

SCENA VI

PRINCEZA (*só*)

A semente cahiu; agora, resoluto,
Cabe ao semeador esperar pelo fructo.
A Côrte quer levar as chaves desta casa
Entende que o Brasil é um passaro sem aza
Novo, incapaz de um vôo, sem força, sem vontade,
Para abrir por si só espaço á liberdade.

Engana-se. A oppressão é uma falsa muralha
De onde emigra a razão, onde a verdade falha
Se até para se ser um tyranno é preciso
Ter as vezes no labio o traço de um sorriso!
Como, pois, recusar o direito sagrado
A um povo de ser livre? E' um cruel attentado
Que fere da consciencia os mais nobres ideaes,
A mão que te jugúla é forte, Brasil, mas . . .
A liberdade é um santo e mysterioso cofre
Que só o sabe abrir um povo, quando soffre.

SCENA VII

A MESMA E DUAS DAMAS DO PAÇO

(*As damas entrando*)

1.ª DAMA

Princeza, pensae bem, honra, gloria, brazões
Tudo podem levar desvairadas paixões
Sois a filha de um rei; tanto basta dizer,
Em que vos peze o mal, deveis obedecer.

2.ª DAMA

Queres então dizer que sendo ella uma filha
De rei deve acceitar o que outro rei perfilha

Simplesmente porque traz a chancella real?

1.ª Dama

Não se trata do rei e sim de Portugal

2.ª Dama

Perde a razão do Estado onde só predomina
O odiento rancor de Carlota Joaquina.

Princeza (*para a 2.ª Dama*)

Adopto o teu sentir; (*para a 1.ª Dama*) recuso o teu pensar.
A liberdade tem os anceios do mar.
Já não é sonho mais, é febre que me queima;
A Côrte humilha, a Côrte insulta, a Côrte teima.
Pois bem: se muito vale a princeza estrangeira
Que eu seja simplesmente a mulher brasileira,
Vibrando no esplendor da minha mocidade
A' sombra do Cruzeiro um hymno á liberdade!...

Cáe o panno.

II ACTO

(A scena representa um trecho da estrada de Santos a S. Paulo – 1822)

SCENA I

PRINCIPE

Então, padre Belchior, que bella natureza!

BELCHIOR

Lembrava agora mesmo a grande Lei ingleza.

PRINCIPE

Que caso vem a Lei?

BELCHIOR

O pacto dos saxões
Segundo Montesquieu, nasceu entre festões,
Coevo dos vergeis antigos da Bretanha.

PRINCIPE

Mesmo assim me parece uma lembrança estranha!

BELCHIOR

Vossa Alteza conhece as supresas da historia;
O accaso quase sempre é que decide a gloria.

PRINCIPE

Parece um vacticinio!

BELCHIOR

E diz-me o coração.
Não sei por que, não sei, passa-me uma visão
Que vos circunda a fronte assim como uma estrella
Dessas que só se vêem em noite limpa e bella.

PRINCIPE

São milagres da fé; quando muito se reza
Vê-se que não mentio nossa santa Thereza

(*sobresaltado*)

Vindo por essa estrada ouço tropel bem claro

BELCHIOR (*indo ao fundo*)

Já se distingue bem:—é Cordeiro e Bregaro

PRINCIPE

Padre, não lhe parece coisa extraordinaria!

BELCHIOR

E que escapa de alçada á justiça ordinaria

PRINCIPE *(apprehensivo)*

A Princeza?! Meu filho?! Uma nova insolencia
Da Côrte?! Isso é mais certo. A minha permanencia
No Brasil me ha tornado alguma coisa mais
Que um filho a contrariar a vontade dos paes,
Muito mais! me hei tornado um rebelde, um remisso
Mas . . . tenho a defender um grande compromisso.
Eu disse que ficava; eu disse e ficarei.
Da vontade do povo á injustiça da Lei
Devo ficar com o povo,—abandonal-o é tarde
Nem defende meu sangue, um principe covarde . . .

SCENA II

Entram Cordeiro e Bregaro

PRINCIPE (*a Cordeiro*)

Que vindes me trazer a tamanho galope?

CORDEIRO

Vossa Alteza o verá dentro deste enveloppe

PRINCIPE

Mais um golpe. Talvez o meu salvo conducto!
Obrigam-me a passar o mar a pé enxuto.

BELCHIOR (*comsigo*)

Diabruras da Côrte—é a fera que avança
Tentando mal ferida a ultima vingança,

PRINCIPE (*passando os papeis ao Padre*)

Leia Padre Belchior, leia alto e em bom tom
Se temos de evitar um novo Rubicon
Havemos de transpol-o ou por bem ou por mal.

BELCHIOR (*examinando os papeis*)

Uma instrucção da Côrte authentica e legal,
Legal, quero dizer, assigna-a D. João VI.

PRINCIPE

Tanto basta por fé, vejamol-a no texto.

BELCHIOR (*lendo*)

Por Mercê, D. João VI El-Rei de Portugal
Senhor d'Aquem, d'Alem, etc. e tal . . .

PRINCIPE (*ancioso*)

Basta ler o que houver de real interesse

BELCHIOR (*lendo*)

«Mando que de uma . . . vez . . . o Principe regresse

« A José Bonifacio ante minha clemencia
« Que se lhe dê prisão por lei e obediencia
« E volte novamente o Brasil a Colonia
« Desde os pampas do Sul ao valle da Amazonia ».

PRINCIPE (*arrebatando e pisando os papeis*)

Que diz padre Belchior?!

BELCHIOR

E' a barreira e o fosso.
Podemos ter um rei que seja todo nosso.
Que digo? Tem de ser. O momento é de acção
O caminho a seguir é o da separação.
E' preciso saber onde a prudencia fica
Para não ir alem do que ella justifica
O respeito se deve á Lei e á realeza
Emquanto obedecer não denota fraqueza.

PRINCIPE (*depois de passear agitado, pára*)

Não ha por onde achar caminho mais exacto,
Deveras tenho sido em extremo cordato,
Se respeito o poder entendem covardia
E veem cada vez mais com maior ousadia
Se ao Regente não basta a mais cruel provança
Que ao menos se respeite o Duque de Bragança
Chamam-me brasileiro a motivo de insulto
A minha volta ao Reino é tida como indulto
Como se neste ceo, sorrindo a um mundo novo
Brasileiro não fosse a distincção de um povo!

Pois verão a que altura eu levanto este altar
Do pé da Cordilheira ás barreiras do mar.
Liberdade ha de ser insurreição, alarma,
Imposta a ferro nú e feita a cano d'arma.
Quebrem-se do Brasil, doravante os grilhões,
Livre perante o mundo e perante as nações,
Proclamo-o desde já do Reino desligado.

Vozes

Viva D. Pedro!... viva o Brasil separado!!

BELCHIOR (*confidencial*)

A guarda vae adiante e desconhece este acto.
Um Reino que se faz de Direito e de facto
Seria uma illusão, seria quase nada
Se á balança da Lei não se juntasse a espada.

PRINCIPE (*ao ajudante de ordens*)

Levae á minha Guarda a ordem soberana

CORDEIRO (*ao ajudante*)

Na margem do Ipiranga ao pé de uma choupana
Estava toda lá quando passei a instante

PRINCIPE (*a todos*)

O que me ha de chamar a Côrte d'hoje em diante?

BELCHIOR

Que vos ha de chamar?! Certamente que um louco
Pois fazendo o que fez e fazendo tão pouco
Deputados havia a cobrir-vos de injurias
Agora dizem mais, agora é que são furias . . .
O golpe lhes rebenta o cofre dos tributos.

PRINCIPE

Queres dizer então que elles ficam mais brutos?

BELCHIOR

Mais brutos, não direi, mas hão de ficar fulos
Vendo que no Brasil seus decretos são nullos.

PRINCIPE

Ora, doe muito mais a esses traficantes
Perderem para sempre as minas e os diamantes.

A GUARDA (*com alarido*)

Viva D. Pedro! viva o Brasil separado!
Viva D. Pedro! viva o Principe soldado! . . .

PRINCIPE

Amigos foi chegada a hora prasenteira
De livre proclamar a Patria brasileira,
Já não nos prende agora o mais pequeno laço
Á Nação portugueza. É-nos livre este espaço
Toda essa terra immensa, exhuberante e forte
É livre para nós, livre de sul a norte.

O sólo que pisaes, neste momento, bravos,
Já não abriga mais os subditos escravos
De El-Rei de Portugal. Que venham suas frótas
Que aqui encontrarão nestes peitos patriotas
A bravura, o valor dos Camarões e Dias.
Amigos, vêde ao longe aquellas penedías
São custodias de pedra a recolher meu grito
Sob a forma immortal e dura do granito.
Amigos, imitae-me arrancando este laço
Não póde ser divisa o que já foi baraço
Avante a Independencia e viva a Liberdade!...

VOZES REPETIDAS

Avante a Independencia e viva a Liberdade!...

BELCHIOR

... E de Deus a suprema e infinita bondade!

PRINCIPE (*solemne*)

Juro pelo meu sangue e minha honra, juro
Perante a natureza e neste altar tão puro,
Juro perante Deus e este céo côr de anil
Que pr'a sempre hei de dar liberdade ao Brasil.

A GUARDA E CIVIS

Juramos firmemente...

PRINCIPE

Está lançada a sorte
Seja a nossa divisa – Independencia ou Morte!...

Cáe o panno.

III ACTO

Scenario do 1.º acto

SCENA I

José Bonifacio (*só*)

Finalmente surgiu para esta alma angustiosa
Um dia de prazer, uma hora côr de rosa
Já, como por encanto, em seus labios diviso
Esse claro, esse doce, esse augusto sorriso
Retomar outra vez o plumoso carinho
De uma ave satisfeita a preparar o ninho.
Rebenta-me no peito uma anciedade louca
De tel-a junto a mim, de ouvir de sua bocca
A palavra sonhada e santa da victoria
Numa explosão de amôr, de jubilo, de gloria!...

Princeza (*entrando*)

Snr. Ministro!

José Bonifacio

Princeza!

Princeza

Encontro-o sorridente.

José Bonifacio

Não sem razão, Princeza, a Patria Independente
Acabo de saber.

PRINCEZA

Era justo e Deus quiz.
Porque é que não nasci nesta terra feliz?!
Não importa; aqui estou, e como mãe partilho
Podendo chamar minha a terra de meu filho.

JOSÉ BONIFACIO

E' direito de sangue—accordo no que diz:
Vivem da mesma seiva os ramos e a raiz.

UM CREADO

Princeza!

PRINCEZA

Mande entrar a vontade quem for;
Não ha mais cerimonia—abra tudo em redor.

FREI SAMPAIO (*entrando*)

Princeza, a Independencia, oh que santa alegria!
Eu disse e repeti do pulpito; eu previa . . .

JOSÉ CLEMENTE (*entrando*)

Princeza, agóra sim, posso ser brasileiro
—Eis o termo fatal do Nove de Janeiro.

GONÇALVES LEDO (*entrando*)

Princeza, eu disse um dia e foi direita a setta
Satellite não ha maior que seu planeta.

PRINCEZA

Heroes da Independencia, as vossas expansões
Deveis-las tão somente aos vossos corações.

VOZES EM ALARIDO

Viva D. Pedro! viva o Rio de Janeiro!
Viva D. Pedro! viva o povo brasileiro.

PRINCIPE (*entrando e cumprimentando a Princeza*)

Já sabeis que nesta hora, o povo que me aclama
E' um povo independente; esse ardor que lhe inflamma
E' o goso não vulgar, a prova nunca vista
De uma nação que a propria existencia conquista.
Vou narrar-vos o facto: Ia o sol quase ao poente,
Poucas nuvens no céo, ar abafado e quente...
Já perto de S. Paulo, á margem do Ipiranga
Sacudido de raiva e mordido de zanga
Ante a audacia da Côrte e seu gesto soez,
Tirei do meu chapéo o tópe portuguez.
Em frente á minha guarda, apontando-lhe o norte
Dei-lhe logo a divisa — Independencia ou morte!
Em S. Paulo senti a suprema visão
De meu gesto e compuz com a minha propria mão

Este hymno que aqui está; e da nossa bandeira
O verde foi a côr que adopteia primeira
Dentre as com que se enfeita a nossa natureza...

(*batendo no braço da Princeza, jovialmente*)

E' preciso arranjar fitas verdes, Princeza !

PRINCEZA

Vou buscal-as...

PRINCIPE

... Bem vês, precisam muitas fitas.

PRINCEZA

Percebo. Tral-as-hei bastantes e bonitas.

(*sáe*)

JOSÉ BONIFACIO

Não vi como enfrentar os rugidos da féra,
A medida a tomar tinha de ser sevéra.
Pensei, deliberei sob o melhor criterio
Com accordo geral de todo o Ministerio.

PRINCIPE

Nem era de esperar da força de meu genio
Que eu detivesse o mal a balão de oxygenio

Quem nos dirá nest'hora haja um só portuguez
Capaz de visitar a casa de Avilez?

PRINCEZA (*voltando*)

As fitas.

Principe

Dê-me trez; as outras com tuas mãos
Vae no braço depôr daquelles cidadãos . . .

. . . .

Como é bello quebrar de um povo a dura algema
A quem devo, meu Deus, esse augusto poema?!

(*depondo fitas nos bracos de José Bonifacio, Clemente e Ledo*)

Ao teu conselho, Andrada; ao teu senso Clemente;
A ti, Ledo, ao teu verbo impavido eloquente.

PRINCEZA (*depondo fita no braço de Frei Sampaio*)

Frei Sampaio, que Deus por peccado não puna
Tornar a fé bandeira, o pulpito tribuna.

JOSÉ BONIFACIO

Para a Patria servir e fazer nosso rei,
Libertar o Brasil era a suprema Lei.

PRINCIPE (*notando que nem todos tinham laços verdes*)

Nem todos que aqui estão ostentam o verde laço;
Princeza, não ha mais fitas verdes no Paço?

PRINCEZA (*baixo*)

Não ha. Em todo caso ás vezes acontece
Dizer que se não tem aquillo que se esquece;
Quem sabe se não ha?! Talvez nalgum vestido,
Em qualquer coisa, emfim, algum laço esquecido
Vou ver...

(*sáe*)

PRINCIPE

. . . .

Eu tenho emfim tanta coisa a dizer . . .
O ser livre é talvez melhor que renascer.
Ouço por toda parte um cantico profundo,
Eis a razão porquanto ha martyres no mundo,
Eis a razão porque, mésmo queimado vivo
Ninguem póde calar a bocca do captivo.
Não foste um sonhador, Tiradentes, assoma
Theotonio, Miguelinho e Frei Caneca e Roma,
Heroes da liberdade, epigonos da gloria,
Vinde encerrar commigo esse cyclo da historia.

PRINCEZA (*entrando*)

Mais fitas aqui tens.

TODOS

E' o verde distinctivo.

PRINCIPE

Até parecem ser, dum verde ainda mais vivo!
Onde as achaste, então?!

PRINCEZA *(ruborisada)*

Tirei dos travesseiros!

GONÇALVES LEDO

E' o extremo do amor para nós brasileiros

FREI SAMPAIO

Santa e glorificada a esta mulher devemos
Quase que unicamente os louros que colhemos.

PRINCEZA *(dirigindo-se a Drummond)*

Que este laço vos diga a eterna liberdade
Nas lutas da razão, nos prelios da verdade.

DRUMMOND

Magestade, obrigado!

PRINCEZA

Oh! Magestade!

DRUMMOND

Diz.

O subdito que beija a mão da Imperatriz.

PRINCIPE

Amigos, d'oravante esmoreçam-se os odios.
A Independencia é feita—agora os episodios.

JOSÉ BONIFACIO

E' certo na Provincia alguma escaramuça
Da tropa portugueza, até que seja expulsa.
A Bahia é talvez o mais forte reducto.

JOSÉ CLEMENTE

Quando se estima mais, tanto maior o lucto.

PRINCIPE

Amigos, a repulsa é uma lei natural.
Qualquer gesto de força é justo a Portugal!
Quem ha que de senhor queira perder o mando ?
O seu crime não é tão feio, tão nefando
Portugal tem orgulho e disso faz entono
E perder o Brasil é reduzir-lhe o throno.
Não temamos horror com vãos presentimentos,
A luta não condemna os grandes sentimentos
E' preciso se ter presente o coração
Para que se não estióle a flôr da gratidão.
Lembrae-vos de que a náo de Cabral era lusa,
Esquecer este facto importa uma recusa
A' gloria do paiz que nos deu vida e lares
Batendo a tempestade e sujeitando os mares
Afastemos heroes o vacticinio escuro.
—E' assim que deveis enxergar o futuro
Portugal e Brasil, passadas as paixões,
Unindo-os, para sempre, o amor das gerações.

APOTHEÓSE

Ao fundo vêm-se a torre de Belém e o Pão de Assucar, separados pelo mar; e ao alto de cada uma, meninas com as côres caracteristicas das duas nações cruzam as bandeiras de Portugal e do Brasil.